

SENTIDO E COMPORTAMENTO POÉTICO: IMAGENS PANMÓRFICAS NA ARQUITETURA E NA ESCRITA

Lucas M. Vieira¹, Andreia A. Marin²,

1. Estudante de IC da Faculdade de História da UFTM

2. Departamento de Educação-IELACHS/UFTM/Orientadora

Resumo:

Este trabalho de pesquisa foi constituído por dois movimentos: o estudo teórico sobre a escrita e o sentido; uma experimentação de escrita poética contaminada pelo contágio de imagens panmórficas. A discussão sobre a superação do pensamento estruturante na escrita, que abre espaço para outras potências distantes do sentido estrito e da representação, motivou a experiência de escrita. Tal experiência se deu a partir do compartilhamento com seres dados à visibilidade através das esculturas gargulídes, típicas da Idade Média, recorrentes nas arquiteturas portuguesa e espanhola.

Autorização legal: pesquisa teórica

Palavras-chave: Gárgulas, Experimentação, Poesia.

Apoio financeiro: BIC/FAPEMIG

Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição: UFTM

Introdução:

Há incontáveis formas de dar visibilidade às coisas. A arquitetura e a escrita são variedades de composições dessa potência do tornar visível. A variedade, por sua vez, reúne diferentes ritmos, composições próximas, tangenciais ou distantes do sentido. De dentro dela, se retira os usos da linguagem suficientes ou adequados para determinados fins. Nas tramas forjadas pelo comportamento poético, invenção e verdade não precisam ser dualizadas. De outra forma, imaginação e razão não podem ser vistas senão como dobras e não territórios limítrofes.

Na escrita, há mundos que se nos apresentam e que não mantêm qualquer compromisso com nossos referenciais concretos. Lá aparecem seres muitas vezes estranhos para nós, recém-nascidos de uma massa amorfa, derivada de uma matéria destituída de forma, ou de signos que foram devolvidos à esfera das indeterminações. Eles se insinuem por uma comunicação paradoxal, que quer trair sua própria natureza, dando-nos como visibilidade o silêncio. Diante deles, nenhum reconhecimento, nenhuma consideração, nenhuma identidade, só a experiência de calar.

A escrita não faz compromissos e nem os exige. Só solicita: pensamento disforme, formas deformidades. Por isso, elas são tão coincidentes com as potências gargulídes... Olhos que não buscam lucidez, mãos que não dão forma, nenhum aprisionamento no modo de ser humano.

Na escrita, não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever; não se trata da amarração de um sujeito em uma linguagem; trata-se da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer. (FOUCAULT, 2006, p. 4-5).

Onde diminui, desaparece, evidencia-se o espaço aberto à tomada da escrita pela força da imagem: o devir-gárgula se materializa como potência de escrita. E a língua estranha que se insinua se dá a partir de um contágio na relação com o signo e não da representação.

Duas margens são traçadas: uma margem sensata, conforme, plagiária (trata-se de copiar a língua em seu estado canônico, tal como foi fixada pela escola, pelo uso correto, pela literatura, pela cultura), e uma outra margem, móvel, vazia (apta a tomar não importa quais contornos) que nunca é mais do que o lugar de seu efeito (BARTHES, 1996, P.11)

Mãos híbridas, palavras errantes: já não é um corpo-consciência que compõe. O corpo segue suas próprias ideias, contaminadas pela sua animalidade própria. "Pois meu corpo não tem as mesmas ideias que eu." (BARTHES, 1996, p. 25).

O desafio que moveu o presente trabalho de pesquisa foi uma investigação às avessas em que as coisas, os estranhos, os sem sentido, no lugar de serem dissecados pelo esforço reflexionante e conduzidos a algum conceito ou representação, foram buscados em zonas de compartilhamento que fertilizaram uma escrita tomada pelas suas próprias forças. O objetivo central foi, portanto, estudar a escrita inventiva e compor uma

experimentação com base no compartilhamento com estranhos (gárgulas), a partir de um comportamento poético. Como em todo trabalho de pesquisa, um *locus* de compartilhamento foi escolhido: o mundo de panmorfos (gárgulas, nesse caso), presentes na arquitetura.

Metodologia:

O trabalho foi realizado em três etapas: pesquisa teórica, com levantamento de materiais nos campos da Filosofia, Antropologia e Literatura, sobre escrita inventiva e comportamento poético; levantamento de imagens de panmorfos na arquitetura; experimentação de escrita.

O trabalho teve início com o diálogo com alguns escritores que associam Estética e Escrita: Foucault, Deleuze e Barthes. Na etapa seguinte, buscou-se uma seleção de imagens de gárgulas, pela qual foi possível constituir uma dimensão inventiva da escrita.

O levantamento de imagens de gárgulas focou-se especialmente na arquitetura portuguesa e espanhola. As imagens foram extraídas de livros e artigos em que constam registros de esculturas dispostas nas obras arquitetônicas. Inicialmente, essas imagens foram observadas detalhadamente, buscando indícios da relação humano-não humano por trás dos movimentos de suas composições, na tentativa de compreender as forças que possibilitam os híbridos nas invenções humanas.

A partir das aproximações possibilitadas na primeira etapa foi iniciado um processo de experimentação da escrita, partindo-se do compartilhamento com os estranhos (gárgulas). A escrita foi movimentada por um comportamento poético, em que se evitou a reprodução de conceitos e nomeações.

Resultados e Discussão:

O levantamento das imagens panmórficas na arquitetura resultou em artigos, dos quais se destacam os de Catarina Barreira (2010, 2011, 2016), que trazem várias imagens de gárgulas, com comentários sobre o imaginário medieval expresso nas esculturas.

No levantamento teórico encontrou-se várias contribuições em autores como Foucault, Deleuze e Barthes, em cujos textos selecionados está problematizada a questão da escrita comprometida com a lógica do sentido e garantido um espaço para o comportamento poético.

Destacamos, nesse sentido, a seguintes assertivas:

[...] pode-se dizer, inicialmente, que a escrita de hoje se libertou do tema da expressão: ela se basta a si mesma, e, por consequência, não está obrigada à forma da interioridade; ela se identifica com sua própria exterioridade desdobrada (FOUCAULT, 2006, p.5).

...ao mesmo tempo em que os corpos perdem sua unidade e o eu sua identidade, a linguagem perde sua função de designação... (DELEUZE, 1974, p.306).

...Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem. (BARTHES, 1987, p.21)

A experimentação de escrita a partir do contágio com o tema motivador resultou em um texto poético, em que se tentou atingir o efeito: “o sujeito que escreve despista todos os signos de sua individualidade particular; [...]é preciso que ele faça o papel do morto no jogo da escrita” (FOUCAULT, 2006, p.5).

Os textos poéticos produzidos foram encaminhados para publicação, juntamente com um artigo científico publicado na Revista Alegrar, com o título *Escrita com estranhos: bicho, homem, pedra*. Dele destacamos os seguintes fragmentos:

Escrever com estranhos... Não sobre eles, mas do lugar de quem experimenta o mundo a partir de uma inércia incontornável. Pedra: potência contida de imagens que escapam da estagnação e se lançam no espaço dos compartilhamentos. Humano: potência constituinte de delírios materializáveis. Bicho: potência orgânica que não pode ser contido por nome, conceito, organização; presença insistente tomando de assalto a propriedade de uma existência humana e suas criações. Híbridos: gárgulas penetrando a mania humana de escriturar (VIEIRA, 2017, p.83).

Interagindo...

i. - Com o dia

espelho o ruído das manchas

ele agora se espalha furiosamente
mesclando-se ao lamento das formas de algodão que se rebelam no azul
símbolos em conflito eterno
formas de cor e som caminhando pelo forte invisível

i.i - Com o dia e a noite

e quando o azul se vai
sinto o que antes era visão
gemidos se tornam cores a percorrer o concreto
tremores que caminham pelas raízes dos amontoados
percorro nos ruídos o caminho das rochas que cospem ar escuro
rochas que fogem ou fingem o fim
é nelas que as manchas se escondem para deslizar

ii. - Pensando com os pássaros

ii.i. Pássaros

estática como um espelho a reverberar
cores vão e vêm
a precisão do reflexo tem solução imprecisa
as cores também
aprisionando o verbo significativo
cores libertam...
as manchas ferem as cores
por todos os azuis e outros cinzas
as cores parecem ter mais de mim

ii.ii. Pássaros e a noite

um grupo de cores flutuando, ao longe; me habitam ansiedades
partem, misturando-se ao azul que se vai
e quando voltam, habitam-me as entranhas,
sonham o seu canto e me ressoam por toda direção
uma invasão que se amplifica e cede
solidificando incongruências que me revestem
o cimento marca, formigando um vazio relevante na menção que desenha o açoite

ii.iii. Pássaros e viventes humanos

manchas foram feridas por lamentos que me corriam
eram lamentos de cores e não de algodão
ruídos de manchas dirigiam-se a mim
então percebi que os lamentos diferem
enquanto alguns marcam, outros ferem

iii. - Vivente humano

uma mancha
ao se dobrar nota na ausência, a semelhança
surge um rastro de identificação
por permanência, manchas não digerem rastros
eles escorrem o apunhalar do silêncio em manifesto

iii.i. Viventes humanos e não-humanos

manchas tentam imitar cores
cores não tentam ser
são porque fluem (VIEIRA, 2017, p.86-87)

Conclusões:

O estudo teórico possibilitou importantes sistematizações de ideias sobre o exercício da escrita como invenção, advindas de teóricos que buscaram contornar a estrita obediência à lógica do sentido. A experimentação de escrita possibilitou um exercício positivo que resulta uma importante contribuição formativa, uma vez que permitiu a visualização e vivência de situações e fatos a partir de novos e diferentes perspectivas, dando evidência e voz a diferentes personagens, provocando a ideia de um descentramento do humano. Tal experiência contribui tanto pela busca de compreensão do Outro não-humano e seu lugar de expressão, como pela abertura de espaço para a escrita poética com legitimidade acadêmica, aproximando potência inventiva e

múltiplas formas de construção e comunicação de conhecimento. Amplia, nesse sentido, na esteira de movimentos contemporâneos em diferentes instituições de ensino e pesquisa, as possibilidades de produção dentro dos campos de conhecimento.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **O aberto: o homem e o animal**. Trad. Pedro Mendes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BARREIRA, Catarina A. M. F. A presença feminina nas gárgulas medievais. **Revista As Faces de Eva**, Universidade Nova de Lisboa. S/d. Disponível em <https://www.academia.edu/3502892/A_presen%C3%A7a_feminina_nas_g%C3%A1rgulas_medievais>. Acesso em: 20 jan 2016.

_____. A relação entre gárgulas e textos no contexto tardo-medieval em Portugal: preocupações em torno do comportamento do corpo e os pecados. In: COSTA, Ricardo da (coord.). *As relações entre História e Literatura no Mundo Antigo e Medieval*. **Mirabilia**, v. 13, Jun-Dez 2011.

_____. Contributos para o estudo das gárgulas medievais em Portugal : desvios e transgressões discursivas? **Lusitania Sacra**, v. 22, p.169-199, 2010.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. **O grau zero da escrita**. Seguido de Novos ensaios críticos. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CORAZZA, Sandra M. Introdução ao método biografemático. In: COSTA, Luciano Bedin; FONSECA, Tania Mara Galli (org.). **Vidas do fora: habitantes do silêncio**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2010. (p.85 a 107)

DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. Trad. Roberto Salinas Fortes. São Pauto: Perspectiva, Ed. Universidade de São Paulo, 1974.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. Trad. Fábio Landa. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** In: *Ditos e escritos III - Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. pp. 264-298.

HEIDEGGER, M. **A origem da obra de arte**. Trad. Idalina Azevedo e Manuel A.Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. Trad. José A. Gianotti e Armando M. Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1984^a.

VIEIRA, Lucas M. Escrita com estranhos: bicho, homem, pedra. **Revista Alegiar**, n.19, pp.83-91. Jul, 2017.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes Cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Maná**, v.2, n.2, pp.115-144, 1996.